

JORNAL: Tribuna da Imprensa LOCAL: Quamalkara

DATA: 03/04/06/1954 AUTOR: Macedo Miranda

TÍTULO: Janela Sobre o Mundo.

ASSUNTO: Constituição do Grupo Frente

JANELA SOBRE O MUNDO

MACEDO MIRANDA

JÁ Quirino Campofiorito notara, numa de suas crônicas de "O Jornal", que o governo dá divisas a Didi para apanhar dos húngaros, e não as dá aos pintores, impedidos de pintar por um capricho do sr. Osvaldo Aranha. Paulo Mendes Campos ("Diário Carioca") e Azevedo Lobo, nesta nossa querida TRIBUNA DA IMPRENSA, queixaram-se das relações da arte e da literatura com o futebol. Acha o primeiro que nossos pintores ignoram a realidade das caqueradas de Eli do Amparo mais atentos à Escola de Paris e outras escolas do mundo. Lamenta o outro que os romancistas e poetas brasileiros, ocupados em ver e ouvir futebol, não tenham tempo de escrever sobre o dito.

Já, no "Diário de Notícias" de domingo passado, Clemente Magalhães Bastos denuncia o desinteresse dos escritores pelo movimento artístico: raros escribas se deram ao trabalho de subir as escadas do Ministério da Educação para prestigiar o protesto do "prêto-e-branco".

Em sucessivas reportagens e até numa semi-polêmica, que acabou em bofetão (felizmente, para cima de outro), exploramos até a exaustão o III Salão Moderno, de luto pela insensibilidade do ministro da Fazenda e repleto das promessas do sr. Antônio Balbino, da CACEX e outras coisas e pessoas hediondas deste país. Os artistas não podem queixar-se de indiferença, de falta de solidariedade, quanto ao cidadão que assina estas mal traçadas.

Confessando não entender de pintura nem de futebol, mas preferindo a primeira, por inclinação natural, quero dar meu testemunho do nascimento de um grupo, que, liderado por Ivan Serpa, promete revolucionar os arraiais artísticos aqui da casa. Reune o Grupo Frente uma dúzia de jovens que sabem o que querem. Quase todos abstratos e concretos (Carlos Val é a única exceção, e Elisa Martins se considera apenas aderente), sentem que tomarão bordoadas principalmente dos cultores do realismo socialista. Num coquetel em casa do sr. Santiago Fernandes, tive oportunidade de recolher algumas declarações de Serpa, sobre o que visa seu grupo: uma pintura de vanguarda.

— "Não dou a mínima importância aos comunistas, como sei que eles não me dão a mínima importância. Mas, no caso deles, encaro isso como um elogio".

Com essas frases, Serpa deu a entender que não são objetivos polêmicos os que movem o Grupo Frente. Mas logo ajuntou que, se necessário, os opositores seriam enfrentados. Nem se compreendia um movimento de vanguarda que se abstivesse de ser polêmico.

Desde quarta-feira, na galeria de arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, pode ser visto o primeiro resultado da formação desse grupo, que breve deverá lançar um manifesto, definindo melhor seus fins. Seria, entretanto, necessário? Essa coisa de manifestos já está meio desmoralizada. E é justo esperar de pintores que se definam melhor com sua arte do que a bico de pena.

Seja como for, aqui fica uma saudação, cheia de esperanças, a essa turma de moças e rapazes que deseja construir alguma coisa de decente, neste país conspurcado por planos aranhas e outros insetos. Saudação tão veemente como a que eu faria aos onze rapazes de Zezé Moreira, se os jogadores húngaros e — dizem e eu creio — o juiz inglês, me dessem chance. Por onde se vê que não há mais juizes na Inglaterra, havendo, porém, idealistas no Brasil.

3-4 de julho 1954